



LITERATURA DE REPRESENTAÇÃO DA REALIDADE NO POEMA O CÃO SEM PLUMAS DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO¹

REALITY REPRESENTATION LITERATURE IN THE POEM O CÃO SEM PLUMAS BY JOÃO CABRAL DE MELO NETO

José Elias Pinheiro Neto

Universidade Estadual de Goiás
joseeliaspinheiro@gmail.com

Resumo: *Cão sem plumas*, de João Cabral de Melo Neto, trata-se de um poema que faz parte da chamada tríade do rio, em que se associa ainda com *Morte e Vida Severina* e *O Rio*. O autor retrata a dureza do Sertão, apresentando as mais diversas paisagens ‘vistas’ pelo rio Capibaribe. Há uma transmutação entre homem e rio que chega ao ponto de nos confundir as linhas limítrofes entre esses elementos se ficcional, pela arte, ou científico, pela Geografia. Este artigo baseia-se em um estudo de revisão bibliográfica em que busca-se, pela literatura em aproximação a ciência geográfica, apontar as agruras e sofrimentos das pessoas que vivem próximas às águas do rio, bem como sua força de luta sempre em busca de mais vida. Para contraposição das paisagens sentidas na literatura utiliza-se os ensinamentos teóricos que nos conduzem ao entendimento do assunto em Bosi (2006), Corrêa (2011), Cosgrove (1998) e Rambourg (2010). A simbologia envolta ficcionalmente no poema desvela sentidos de realidade da carga vivida pelo homem do Sertão, há elementos concretos de denúncia bem como poéticos, dentro de (anti)lirismo a desvendarem as paisagens geográficas descritas pelo rio em sua descida, desde a nascente até o encontro com Atlântico. O bojo poético de João Cabral constrói no leitor uma configuração sem limites com simbologias imagéticas, estas aguçam no imaginário as viagens, as paisagens, as agruras, as águas, as pedras, as cinzas e mais, as palavras concretas, ricas em detalhes que formam os quadros cabralinos.

Palavras-chave: Literatura. Paisagem. Geografia.

Abstract: *Cão sem plumas*, by João Cabral de Melo Neto, is a poem that is part of the called *Tríade do rio*, in which he is still associated *Morte e Vida Severina* and *O Rio*. The author portrays the hardness of Sertão, presenting the most diverse landscapes ‘seen’ by the Capibaribe river. There is a transmutation between man and river confusing us the boundary lines of these elements whether fictional, by art, or scientific, by Geography. This paper has based on a literature review study that seeks, through literature approaching geographical science, to point out the hardships and sufferings of people who live near the waters of the river, as well as their fighting force always in search of more life. To contrast the landscapes felt in the literature we use the theoretical teachings that lead us to the understanding of the subject in Bosi (2006), Corrêa (2011), Cosgrove (1998) and Rambourg (2010). The symbology fictionally wrapped in the poem unveils senses of reality of the burden experienced by the man of Sertão, there are concrete elements of denunciation as well as poetic, within (anti) lyricism to unveil the geographical landscapes described by the river in its descent, from the source to the encounter with Atlantic. The poetic bulge of João Cabral builds in the reader a boundless configuration with imagetic symbologies, these sharpen in the imaginary the travels, the landscapes, the hardships, the waters, the stones, the ashes and more, the concrete words, rich in details that form the cabralino paintings.

Keywords: Literature. Landscape. Geography.

¹ Este trabalho é parte do projeto de pesquisa *PAISAGEM FICCIONAL E LITERÁRIA EM O CÃO SEM PLUMAS DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO* desenvolvido na Universidade Estadual de Goiás com cadastro na Pró-Reitoria de Pesquisa (PrP).

Introdução

Cão sem plumas, escrito por João Cabral de Melo Neto, trata-se de um poema que faz parte da chamada tríade do rio. Ele se associa a *Morte e Vida Severina* e *O Rio* para complementação de uma trilogia. O autor, poeta pernambucano que retrata a dureza do Sertão, apresenta as mais diversas paisagens ‘vistas’ pelo rio Capibaribe. Existe uma transmutação entre homem e rio chegando ao ponto de confundir o leitor as linhas limítrofes entre esses elementos, se ficcional pela arte ou científico pela Geografia. Os dois descem de onde nascem para a maciez do mar, projetando as imagens ficcionais cabralinas em busca de recursos vitais.

Esta pesquisa consiste em uma revisão crítico-analítica do poema *O cão sem plumas*, (re)tomando, a partir de revisões bibliográficas, um processo gradual de levantamento de livros e artigos, acompanhado de anotações/fichamentos que analisam a paisagem literária. Trata-se de um estudo em que busca-se, pela literatura em aproximação a ciência geográfica, apontar as agruras e sofrimentos das pessoas que vivem próximas as águas do rio, bem como sua força e luta sempre em busca de mais vida. O retrato dessas paisagens é traçado pelo poema cabralino e serve como denúncia, em outros momentos, encantamentos diante da resistência do sertanejo pernambucano.

Para contraposição das paisagens na análise literária utiliza-se os ensinamentos teóricos que nos conduzem ao entendimento do assunto, autores dentre os quais citamos: Bosi (2006), Corrêa (2011), Cosgrove (1998) e Rambourg (2010). A simbologia envolta, ficcionalmente, no poema desvela sentidos de realidade da carga vivida pelo homem do Sertão, há elementos concretos de denúncia bem como poéticos, dentro de (anti)lirismo a desvendarem as paisagens geográficas descritas pelo rio em sua descida, desde a nascente até o encontro com Atlântico.

A subjetividade na leitura da literatura colabora com o leitor para decodificar e analisar os aspectos inerentes ao que é colocado na arte, a carga de conhecimento do leitor auxilia no entendimento dos elementos poéticos. Perceber, identificar, decodificar, desenhar e projetar são alguns verbos que podem ser utilizados na compreensão da estrutura paisagística escrita por João Cabral. São por intermédio deles que nossa imaginação alcança as imagens do poeta, esse entendimento é altamente subjetivo, depende de quem ‘lê’, da sua carga de conhecimento e de tudo o que ele viveu socialmente.

E, ainda, de como o leitor se depara com a leitura, para Rambourg (2010, p. 135), “[a] paisagem é limitada pelo olhar, pela janela, pelos pontos de vista pelo enquadramento; ela é determinada pelo espaço físico da página, pela disposição tipográfica dos versos, pela organização dos signos do discurso poético”. Mas, e também, é mais do isso, porque colabora no processo de construção formativo do homem.

As representações do que ele viveu estão caracterizadas na forma como vê as imagens, como as lê e processa no seu imaginário. A paisagem literária pode apresentar uma representação, dependendo da linguagem utilizada, que nos traz imagens instantâneas e por outro lado que nos remete aos mais longínquos recantos.

De acordo com Cosgrove (1998, p. 32), a “paisagem não se presta facilmente às restrições do método científico. Sua unidade e coerência estão, como vimos, enraizadas profundamente em uma maneira de ver, e isso permanece verdadeiro se a visão é a partir do solo, do ar ou do mapa”. Forma e essência são elementos da paisagem e a análise se dá a partir de uma intromissão em seu interior para que realmente seja entendida as relações.

Estes elementos da paisagem organizam-se de maneira dinâmica ao longo do tempo e do espaço. Partindo dos locais representados no texto literário pode-se, pela percepção, compreender as paisagens, e a subjetividade de cada indivíduo também pode determinar essas representações. O bojo poético de João Cabral constrói no leitor uma configuração de simbologias imagéticas sem limites, estas aguçam no imaginário as viagens, as paisagens, as agruras, as águas, as pedras, as cinzas e mais, as palavras concretas ricas em detalhes que formam os quadros cabralinos.

Neste sentido, busca-se um estudo da poética de João Cabral, o poeta arquiteto, um ícone do concretismo literário. Ele faz parte da terceira geração de modernistas que foi bastante influenciado pela Semana de Arte Moderna, ocorrida em São Paulo em 1922. E do mesmo modo uma análise de algumas paisagens descritas no poema *O cão sem plumas*.

O cão desplumado

O texto foi escrito entre os anos de 1949 e 1950, uma característica do poeta era nunca completar sua obra de pronto, para ele, escrever tratava-se de um processo arquitetônico, pausado, trabalhado com base, estrutura, corpo e revisões. O poema é o primeiro de uma trilogia marcadamente inscrita no espaço físico e humano do Pernambuco,

posteriormente aparecem ainda *O rio e Morte e vida severina*. Foi escrito sob a influência impactante de uma notícia ouvida pelo escritor em que dava a informação de que enquanto na Índia a expectativa de vida era de 29 anos de idade, no Pernambuco 28 anos era a idade que se tinha de ‘esperança’.

Naquela época João Cabral morava em Barcelona e, desta forma, a aparente distância física que o separava daquelas águas não foi obstáculo porque nasceu e cresceu às margens do Capibaribe, o rio sempre esteve na memória do poeta. A concretude das palavras no poema dá as dimensões exatas das águas do rio, da largura e da sensação térmica. O resultado do poema nos aponta para uma leitura interpretativa que projeta o Sertão, o Semiárido e a cidade do Recife em Pernambuco, as paisagens são vistas pelos ‘olhos’ do rio.

As águas do rio são comparadas com um cão abandonado, sem dono, desprovido de adornos, sem plumas. De acordo com Bosi (2006, p. 470), *O cão sem plumas* é o próprio Capibaribe, um rio que carrega o lixo dos sobrados “e dos mocambos recifenses, rio que seria também matéria do complexo poema *O Rio, ou relação que faz o Capibaribe de sua nascente à cidade do Recife*, onde a poesia nasce de um sábio uso do prosaico, do polir rítmico, aderente às flutuações da linguagem coloquial”.

O poema está dividido em quatro partes que apresentam um périplo delineando o rio e o homem comparados a um cão sem plumas. A paisagem no poema está direcionada a um rio personificado, e, conforme Rambourg (2010, p. 136), seria um fluxo que “onisciente e onipresente dará a ver. O rio fornecerá a palavra poética que carrega a musicalidade da prosa cantada, contada através de sua viagem fluída, andando pelos cantos e transformando as paisagens que vê noutras tantas paisagens possíveis”.

As representações desvelam muito mais do se vê, a apreensão da paisagem cabralina detalha os locais e também as relações dos homens com ele mesmo e por onde passa. Rambourg (2010, p. 136) também escreve que, “[a] paisagem do Capibaribe, aquela que é atravessada e construída pelas suas águas, formada pela multiplicidade de elementos que este rio convida a desvendar, é sobretudo aquela da inteligência da poesia e da fluidez da prosa”, desvelando o homem e o que ele vive.

Há poucas possibilidades de crescimento nas descrições da vida dos ribeirinhos do Capibaribe, essas pessoas que vivem dos siris que apanham, se mesclam com o barro, com a lama e são assistidos pelas janelas dos casarões daqueles moradores de costas para o rio.

Os engenhos viraram usinas, alterando a paisagem, chegando a monocultura canavieira com suas folhas que cortam da mesma forma que as navalhas ácidas do mar cortando o rio que trouxe o homem. Metaforicamente, o poeta conta a exploração do trabalho dos dentes das usinas, da boca a mastigar tudo o que vê pela frente.

A figura de linguagem utilizada verbaliza, de acordo com Vilanova Neta (2005, p. 46), um sistema de ideias e nele cada homem desvela, por intermédio de sua interpretação porque é subjetivo, os significados da paisagem, imagens possíveis e “versões da mesma cena”, ou seja, dez maneiras através das quais a paisagem pode ser interpretada: como natureza, como habitat, como artefato, como sistema, como problema, como riqueza, como ideologia, como história, como lugar ou como estética”.

O primeiro título do poema é *Paisagem do Capibaribe*, nele o rio revela as mazelas e a paisagem às suas margens, o descaso. Na leitura, conforme descreve Silva (1998), vamos assistindo uma interação que se constrói entre o objeto percebido e o sujeito descrito pelo poeta, essa construção, além de subjetiva, é diferente para cada observador porque muito embora a paisagem apresente ocultamentos, ou seja, ela é mais do que simplesmente se pode ver, a maneira pela qual o leitor a percebe, em muitos momentos, “é que vai condicionar de forma decisiva a imagem que ele vai formar. O observador vai reagir de acordo com as associações vão ser influenciadas pelos seus sentimentos. Assim, diferentes paisagens vão evocar diferentes sentimentos em diferentes observadores” (SILVA, 1998, p. 215). Pode-se compreender e perceber estes sentimentos no fragmento abaixo.

(Paisagem do Capibaribe)

A cidade é passada pelo rio
como uma rua
é passada por um cachorro;
uma fruta
por uma espada.

O Rio ora lembrava
a língua mansa de um cão,
ora o ventre triste de um cão,
ora o outro rio
de aquoso pano sujo
dos olhos de um cão.

Aquele rio
era como um cão sem plumas.
Nada sabia da chuva azul,
da fonte cor-de-rosa,
da água do copo de água,

da água de cântaro,
dos peixes de água,
da brisa na água.

(MELO NETO, 2007, 137).

A temática social é bem presente no poema, existe uma análise da realidade das relações. A poluição é apenas uma característica desta sociabilidade pernambucana, dentre as várias outras carregadas ao poema. A descrição deste elemento é de fundamental importância para o início da denúncia das mazelas sofridas pelos ribeirinhos.

Conforme escrevem Pereira e Feitosa (2011, p.19), o rio é a representação de uma determinada localidade que “tornou-se importante para trazer à memória do homem sua fragilidade e sua nudez diante da miséria que o impedia de tomar uma posição frente ao mundo. Por esse valor e importância, o Capibaribe tornou-se um lugar, o lugar da reflexão”.

O Cão Sem Plumaz é a despreocupação com o rio, o fato de não enfeitar o rio quer dizer da sua situação, da precariedade denunciadora que o poeta, mesmo distante, revela contra suas águas. Pereira e Feitosa (2011, p. 18), ainda escrevem que “[o] Capibaribe vai sendo descrito como infértil, estéril, que não experimenta emoções como alegria, que não se abre em flores. Aos peixes porque não tem condições de alimentar vidas”.

Existe no poema uma descrição do homem e ele o apresenta como um ser “amargurado, marcado pela dor e pelo sofrimento que não se abre a dinâmica da vida pois o ambiente é tão infértil e essa infertilidade chega ao coração humano que possibilita a existência de sentimentos que se voltam para a afetividade” (PEREIRA e FEITOSA, 2011, p. 18). São aproximações internas do homem e suas cercanias, suas relações.

Analisando pura e simplesmente desta forma poderíamos compreender o rio como um local de morte, e apenas de morte. Há uma complexidade nesta assertiva no sentido de apreender o que a paisagem oculta, o rio é mais e muito mais do que isso, ele acolhe na mesma medida que é degradado. E é necessário dizer que a simbiose homem natureza, neste caso, é perfeita harmonia que os direciona a serem comprovadas partes do mesmo sistema.

João Cabral arquiteta o poema fazendo uma descrição de denúncia e, ao mesmo tempo, utilizando sua poética para revelar elementos coesivos de remontagem das imagens do rio e do homem. Visto assim, pode-se constatar a percepção e a análise da paisagem como resultados obtidos deste objeto, o texto ficcional. O jogo de palavras apresentado demonstra a cidade atravessada pelo rio. É mostrado também uma analogia com uma fruta, esta que se remete ao pecado capital pela forma como está conduzida no texto, apresentando também a

morte ao ser atravessada pela espada, estes elementos representam mimeticamente a jornada do homem.

Para Nogueira (2010, p. 15), “[q]uando João Cabral se refere a Cão Sem Plumaz, surgem várias acepções simbólicas do cão acrescidas da qualidade sem plumas. Apesar de compreender-se numa incursão inicial, tratar-se de um cão sem “adornos”, verifica-se que há mais alguma coisa a esclarecer no título da obra cabralina” porque representa toda uma classe social. A paisagem desplumada reflete essas marcas, internas e externas, para compreendermos sua dinamicidade. Desta forma, como escreve Corrêa (2011, p. 13),

A compreensão da paisagem enquanto produto cultural, com os seus significados em torno das relações entre sociedade e natureza, implica considera-la como expressão fenomênica de modo particular como uma específica sociedade está organizada em um dado tempo e espaço, isto é, uma dada formação econômica e social ou simplesmente formação social.

O rio é a paisagem imagética da ‘língua mansa de um cão’, um cão triste jogado aqui e acolá, carregando um pano sujo, inocente e de olhos sujos vendo tudo ao seu redor, mas sem saber direito as causas de tanto abandono, sem saber da chuva, da fonte, da água de cântaro, dos peixes e da brisa. É, também, uma chamada para as pessoas que viram as costas a ele, como se não fosse responsabilidade delas, no mínimo espiritual, cuidar de suas águas.

Ele tinha algo, então,
Da estagnação de um louco
Algo da estagnação
do hospital, da penitenciária, dos asilos
da vida suja e abafada
por onde se veio arrastando.

Algo de estagnação
Dos palácios cariados,
Comidos
de mofo e erva-de-passarinho
Algo da estagnação
das árvores obesas
pingando os mil açucares
das salas de jantar pernambucanas,
por onde veio arrastando

(É nelas,
Mas de costas para o rio,
Que “as grandes famílias espirituais” da cidade
Chocam os ovos gordos
De sua prosa
Na paz redonda das cozinhas,
Ei-las a revolver viciosamente

Seus caldeirões
(De preguiça viscosa.).

(MELO NETO, 2007, p. 140).

João Cabral critica a burguesia pernambucana que vira as costas para o rio, como se eles não fizessem parte desta simbiose líquida que trará consigo sempre a vida. Há referência às paisagens que envolvem o rio, os mangues, os caranguejos, os siris e o homem misturado à lama, lutando para sobreviver. O rio conhece tudo em sua volta, desde sua nascente no Sertão até atravessar toda a cidade do Recife, águas que parecem desconhecer as relações citadinas, mas que desvelam outras em novas vidas que a cercam.

De acordo com Soares (2005, p. 6), as pessoas vivem do rio, comem seus caranguejos, lambuzando-se de suas patas, limpando seus cascos com a língua até ficarem totalmente límpidos, para “com sua carne feita de lama fazer a carne de seu corpo e a carne de seus filhos. São cem mil indivíduos, cem mil cidadãos feitos de carne de caranguejo. O que o organismo rejeitar, volta como detrito, para a lama do mangue para virar caranguejo outra vez”.

A paisagem se mostra em todos os acontecimentos no Capibaribe, das características das pessoas e de suas relações para conseguirem a sobrevivência. A descrição do rio também é a descrição do homem, caracterizando os dois desplumados da mesma maneira, a utilização de palavras de cunho nada poético aponta para a situação desta relação, homem e natureza. De acordo com Nunes (1974, p. 68),

todo ser violentado, cujos atributos se truncam e se confundem [...], é um cão sem plumas. Exposto a uma geral corrosão, ele é natureza desfalcada. Sua forma do existir é não ser, pois que só existe como realidade negada em si mesma. O que a nega e desrealiza, até fundi-la com o rio, é uma potência, anônima, que tem a força opaca, viscosa, pobremente fecunda e estagnada das águas do Capibaribe. O rio conhece os homens sem pluma, seus homônimos, que vão nele perder-se numa convivência de suas naturezas idênticas, ambas corroídas ou desfalcadas, ambas se confundindo na dissolução comum, que humaniza o rio e fluvializa o homem. Mal podem ser distinguidas, no estado de privação da natureza desplumada de que partilham, a paisagem física da paisagem humana.

Existe uma miscigenação do cão, do homem e do rio, eles estão interligados muitas vezes por silenciamentos. A aproximação da lama carregada pelo rio trata-se de um mesclar com a morte em tudo o que se aninha contudo a vida se refaz em cada momento. A representação da paisagem no fragmento *Fábula do Capibaribe* é uma remontagem de busca

pela vida. Esta que se fecunda e há uma ligação como se fosse uma estrada, o rio ‘cortando’, ferindo, sangrando a cidade.

O encontro do rio com o mar é o da paisagem de purificação, o mar com suas lâminas salgadas corta e age como uma filtragem do rio. Assim o rio, o cão e o homem são sacrificados para renascem em novas relações.

Porque é muito mais espessa
A vida que se desdobra
Em mais vida,
Como uma fruta
É mais espessa
Que sua flor;
Como a árvore
É mais espessa
Que sua semente;
Como a flor
É mais espessa
Que a sua árvore,
Etc. etc

(MELO NETO, 2007, p. 152).

Há a condição de árvore que gira em torno do poema, são ocultamentos, silenciamentos, a ausência que trava uma luta com a recuperação das coisas concretas que se formam nas relações sociais, as necessidades. Vida e morte, flor e fruta são representações da dualidade de construção da vida.

Assim, perceber as paisagens no texto cabralino é uma busca interessante na aproximação entre ciência e arte. O direcionamento também se concretiza no aparecimento da interpretação de como a representação literária pode projetar a paisagem, seja ficcional enquanto arte ou apenas de colaboração para comprovação da realidade e do ambiente em que vive o homem.

Considerações finais

As paisagens descritas na narrativa cabralina nos levam a perceber a relevância da natureza humana bem como das relações sociais. A configuração de denúncia social e política demonstram a problemática das águas e as mazelas do homem que vive enlameado a procura de comida. São paisagens sociais apontando muito da precarização do trabalho e dos problemas sociais, da degradação e da estreita relação entre a ficção e a realidade,

descortinando a importância da literatura para formação social e construção política das relações humanas.

As paisagens literárias são de denúncia e desenham uma triste realidade de degradação do rio Capibaribe, o poeta considera a necessidade tanto dos ribeirinhos quanto das pessoas nos casarões de alterarem suas ações no sentido de preservarem o rio. A figura de linguagem utilizada instiga no leitor uma sensação curiosa em desvendar estas relações.

Neste sentido, a escrita está direcionada para elementos como a desigualdade social, fome e agruras da água e do homem, então a poluição das águas é mais do que ela representa, a questão é mais do que isso, é também a grossura da lama, a sujeira carregada pelo rio nas mesmas condições que as pessoas vivem enlameadas ainda que alguns estejam de costas para o rio.

Homem e rio descem de onde nasceram para a inocente maciez do mar projetando as imagens ficcionais cabralinas em busca de recursos vitais, o retrato dessas paisagens é traçado pelo poema cabralino que serve como denúncia, e em outros momentos encantamentos diante da força e da vontade do sertanejo pernambucano.

Conhecer os elementos formadores da paisagem literária e ficcional, fazendo com que a história das pessoas esteja sempre viva, é elemento importante na compreensão do mundo e especialmente da categoria. A arte está representada nas relações sociais, refletindo os acontecimentos desencadeados na historicidade das pessoas.

Desta feita, por intermédio dos conhecimentos acerca desta categoria de análise, pode-se contribuir com saberes acadêmicos que percorrem e permanecem na sociedade como forma de legitimar e consagrar tradições que representam os ideais das relações das sociedades modernas por meio da literatura. A subjetividade na leitura da literatura colabora com o leitor para decodificar e analisar os aspectos inerentes ao que lhe é colocado, sua carga de conhecimento auxilia no entendimento dos elementos poéticos.

É por intermédio de nossas ações que nossa imaginação alcança as imagens do poeta, e esse entendimento é altamente subjetivo, depende de quem 'lê', da sua carga de conhecimento, de tudo o que ele viveu socialmente. A paisagem literária pode apresentar uma representação, dependendo da linguagem utilizada, que nos traz imagens instantâneas, e por outro lado que nos remete aos mais longínquos espaços de nosso imaginário, a infância, por exemplo. Então, partindo dos locais representados pode-se, pela percepção, desenhar as

paisagens literárias, lembrando que a subjetividade de cada pessoa é que determina estas representações.

Referências

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 43 ed. São Paulo: editora Cultrix, 2006.

CORRÊA, Roberto Lobato. Denis Cosgrove: a paisagem e as imagens. Espaço e Cultura. In.: *Espaço e Cultura*, n. 29, UERJ, 2011. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/3528>>. Acesso em: 18/11/2013.

COSGROVE, Denis. *Social Formation and Symbolic Landscape*. Madison: The University of Wisconsin Press, Londres, 1998 [1984]. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=NrD2-nJ52aYC&oi=fnd&pg=PR9&dq=Cosgrove&ots=CpOuelbTV8&sig=FidXUR8P8oER9YLtl8HzhIzWGc#v=onepage&q=&f=tree>>. Acesso em: 20/05/2015.

MELO NETO, João Cabral. *O cão sem plumas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007

NUNES, Benedito. *João Cabral de Melo Neto*, 2 ed. Petrópolis, Vozes: 1974.

PEREIRA, Amanda Pestana; FEITOSA, Márcia Manir Miguel. A percepção do espaço em João Cabral de Melo Neto. In.: *Cadernos de pesquisa*. v. 18, n. 2, 2011

RAMBOURG, Márcia Marques. O modernismo cabralino e a estrutura do horizonte: breve estudo sobre paisagem em O engenheiro e O cão sem plumas. In: *Texto poético: revista do GT Teoria do texto poético (ANPOLL)*. v. 6, n.8, 2010.

SILVA, Carlos Pereira da. Percepção e avaliação da paisagem no processo de planejamento, o exemplo das praias da área metropolitana de Lisboa. In.: *Baetica*, estudos de arte, Geografia e História. Universidade de Málaga, Málaga, 1998.

SOARES, Maria Lúcia de Amorim. De novos olhares para conhecer o geográfico: O pantanal de Manoel Barros e o Capibaribe de João Cabral. In.: *Simpósio Nacional sobre Geografia*, percepção do meio ambiente (ANAIS). Londrina: UEL, 2005.

VILANOVA NETA, Maria Amélia. *Geografia e literatura: decifrando a paisagem dos mocambos do Recife*. 2005. Disponível em: <https://docs.google.com>. Acesso em 12/08/2012.

SOBRE O AUTOR**José Elias PINHEIRO NETO**

É licenciado em Letras (Português/Inglês) pela Universidade Estadual de Goiás (2001) e em Direito pela Universidade Federal de Goiás (1997), especialista em Ensino da Literatura pela Universidade Estadual de Goiás (2003) e Língua Inglesa pela Universidade Estadual de Goiás (2004), mestre em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (CAC/UFG-2011), doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (FFLCH/USP-2017) e com Pós-doutorado em andamento no Programa de Pós-Graduação Integração da América Latina (USP). É docente efetivo da Universidade Estadual de Goiás desde 2014. No Câmpus Itapuranga desenvolve atividades de ensino e pesquisa nas graduações de Letras e Geografia, exerce também o cargo de Coordenador Adjunto do Curso de Letras (Português/Inglês) e Editor-Chefe do periódico digital Building the way (ISSN 1519-7220), No Câmpus Cora Coralina (Goiás) integra o quadro de professores no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI). Integrante do Grupo de pesquisa: Geografia, Literatura e Arte (GEOLITEART) com sede na Universidade de São Paulo, regularmente cadastrado no CNPq, e dos Grupos de Estudos: Imaginário, Paisagem e Transculturalidade (GEIPaT), com sede na Universidade Federal de Goiás (IESA) e do Espaço, Sujeito e Existência, Dona Alzira, com sede na Universidade Federal de Goiás (LABOTER / IESA). Interessa-se por pesquisas na área de aproximação entre ciência e arte, especialmente em Geografia e Literatura; estudos de Literatura Brasileira e Metodologia do Trabalho Científico. Advogado militante em Itapuranga desde 1997 - OAB/GO

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/5176979314704270>

Recebido em outubro de 2019.
Aceito para publicação em janeiro de 2020.
Publicado em março de 2020.